

Hal Draper - Marx e a Ditadura do Proletariado

De New Politics, Vol. 1, No. 4, *verão* de 1962, pp. 93 e segs.

Fonte: <https://www.marxists.org/archive/draper/1962/xx/dictprolet.html>

Este estudo trata da origem e da história da expressão "ditadura do proletariado" em Marx e Engels. Ele pergunta: O que esse termo significou *para eles*?

O tema mais amplo por trás disso é "O Estado e a Democracia" nos escritos de Marx. Mas o estudo desse assunto é obscurecido pela crença de que Marx defendia uma "ditadura". Isso é reforçado pelos dois tipos de exegetas que hoje travam a guerra fria sobre o corpus do marxismo: os ideólogos burgueses que acham que devem provar que Marx era autoritário para derrotar Moscou; e os professores soviéticos cuja tarefa é envolver o stalinismo em citações de Marx. De fato, as exegeses marxianas, que antes eram propriedade de alguns poucos acadêmicos socialistas, estão prestes a se tornar uma pequena indústria mundial,

A questão maior, portanto, é a imagem de Marx para o mundo moderno. Para mim, o marxismo é a porta de entrada para *um socialismo revolucionário que é totalmente democrático e um socialismo democrático que é totalmente revolucionário*. Daí a necessidade da investigação que se segue.

[1]

Não existe uma pesquisa sobre o uso do termo "ditadura do proletariado" em Marx e Engels que seja nem de longe completa. A primeira pergunta é o que a palavra "ditadura" significava em meados do século XIX.

Essa é uma palavra que assumiu seu significado atual em tempos relativamente recentes. **A Enciclopédia de Ciências Sociais** data essa transformação na "década seguinte à [Primeira] Guerra Mundial". Até boa parte do século XIX, a palavra continuou sendo uma referência à instituição da "ditadura" na constituição republicana romana. A *dictatura* romana era uma provisão constitucional para um governante temporário nomeado por um homem só, para uma crise específica, com poderes

limitados. A instituição moderna que corresponde a ela é a "lei marcial" (no continente, "estado de sítio") como uma forma de governo de crise.

Na época da Revolução Francesa, até mesmo a conotação de "um homem só" havia se enfraquecido um pouco. Os Girondinos, por exemplo, atacaram "a ditadura da Comuna de Paris"; houve referências à "ditadura da Convenção". Temos aqui a "ditadura" de um corpo popular e relativamente democrático.

O movimento comunista primitivo, liderado por Babeuf no último episódio da revolução, adotou e usou a palavra; entre a ditadura de um homem só e a ditadura da liderança revolucionária, eles decidiram pela última. Desde essa época até Marx, a ideia de uma ditadura revolucionária era praticamente padrão no movimento socialista e comunista primitivo, sendo aceita de uma forma ou de outra por Weitling, Saint-Simon, Bakunin, Proudhon e Louis Blanc, bem como pelos Três Bs do período, Babeuf, Buonarroti e Blanqui.

Embora Blanqui e os blanquistas, como outros, defendessem uma ditadura revolucionária, não é verdade que Blanqui ou seus seguidores tenham se antecipado a Marx no uso do termo "ditadura do proletariado", como foi afirmado em algumas centenas de livros, cada um copiando o outro. Maurice Donmanget e Alan Spitzer estabeleceram que não há nenhum registro de que Blanqui tenha usado o termo. A alegação deriva em grande parte do livro **Out of the Past**, de R.W. Postgate, cuja suposta evidência não resiste a uma investigação. Todos repetiram a conclusão e ninguém se preocupou em verificá-la.

Esses defensores anteriores da ditadura revolucionária claramente se referiam a uma ditadura de um tipo ou de outro *sobre* o proletariado. Como veremos, Marx formulou o termo "ditadura do proletariado" exatamente como uma contraposição a essa ideia, que era a ortodoxia da época.

[2]

Como Marx usa a palavra "ditadura", além do termo "ditadura do proletariado"?

Escrevendo para Engels em 31 de março de 1851, Marx detalha seus problemas financeiros e acrescenta: "E, além de tudo isso, eles me colocam explorando os

trabalhadores e lutando por uma ditadura! *Que horror*". Claramente, ele não estava ciente de que era a favor de uma ditadura. Em 1857, Marx escreveu sobre a Inglaterra que o governo de Palmerston era uma "ditadura" desde o início da guerra com a Rússia. Para seus leitores do **New York Tribune**, isso se refere aos poderes e às atividades de um governo que, de outra forma, não seria muito "ditatorial" durante a crise da guerra.

Mas vamos dar uma olhada especialmente na mesma obra em que ele usará pela primeira vez o termo "ditadura do proletariado", a saber, **The Class Struggles in France 1648-1850**. Temos espaço apenas para apontar três de muitas passagens.

(1) Aqui Marx faz a primeira distinção entre a ditadura *de uma classe* e a ditadura *sobre uma classe*: "Mas Cavaignac não era a ditadura do sabre sobre a sociedade burguesa; ele era a ditadura da burguesia pelo sabre". Ao lado de Cavaignac, existia também uma Assembleia soberana; de fato, Marx se refere em outra parte da mesma obra à "ditadura de Cavaignac e da Assembleia Constituinte", o que nos dá novamente a "ditadura" de um órgão representativo, como a "ditadura da Convenção".

(2) Quando, no estágio seguinte dos eventos, o "Partido da Ordem" usou sua maioria parlamentar para eliminar o sufrágio universal, Marx comenta:

Ao repudiar o sufrágio universal, com o qual até então se revestia e do qual sugava sua onipotência, a burguesia confessa abertamente: "*Nossa ditadura existiu até agora pela vontade do povo; agora deve ser consolidada contra a vontade do povo*".
[Todos os grifos nas citações estão no original.]

Essa referência a uma "ditadura" baseada no sufrágio universal que reflete "a vontade do povo" é outra indicação da aura da palavra.

(3) Explicitamente distinta de uma "ditadura do proletariado" é a descrição de Marx de um possível governo do "partido social-democrata", ou seja, o partido do socialista cor-de-rosa Louis Blanc, que ele desprezava, e os tímidos democratas da "Montanha", que eram um grupo ainda mais triste. (Na época, esse partido era chamado de "Vermelho", mas não vamos nos confundir com a terminologia). Em uma frase notável, Marx se refere simultaneamente a duas "ditaduras" em conexão com uma discussão sobre os "exploradores" versus os "aliados" do *camponês*:

A república constitucional é a ditadura de seus exploradores unidos; a social-democrata, a República Vermelha, é a ditadura de seus aliados.

Obviamente, isso não significa o que entendemos por "ditadura", mas sim uma *dominação*, uma *regra social*.

Quando, em seus escritos, Marx defende a *dominação* ou o *governo* da classe trabalhadora, o termo que ele geralmente emprega é *Herrschaft*. Isso representa a visão que ele adotou, provavelmente por volta de 1845 e expressa pela primeira vez em **A Ideologia Alemã**, de que para alcançar o comunismo o proletariado deve *assumir o poder político*. Essa é a visão que ocasionalmente é chamada de "ditadura do proletariado".

Em 1847, Engels escreveu em um artigo: "Em todos os países civilizados, a consequência necessária da democracia é o governo político do proletariado, e o governo político do proletariado é o primeiro pressuposto de todas as medidas comunistas". Em seu esboço preliminar do **Manifesto Comunista**, ele respondeu à pergunta "Qual será o curso dessa revolução?" da seguinte forma:

Em primeiro lugar, ele estabelecerá uma *constituição democrática* e, portanto, direta ou indiretamente, o governo político do proletariado.

E no **Manifesto**, Marx e Engels dizem "que o primeiro passo na revolução da classe trabalhadora é elevar o proletariado à posição de classe dominante, para vencer a batalha da democracia". Quando isso for realizado e o proletariado abolir "as velhas condições de produção, então ele terá, juntamente com essas condições, varrido as condições para a existência de antagonismos de classe e de classes em geral, e assim terá abolido sua própria supremacia como classe".

Embora o termo "ditadura do proletariado" não apareça no **Manifesto**, as passagens citadas aqui aparecem em nossa história mais tarde.

Mas a primeira "ditadura" defendida por Marx não foi, de fato, a do proletariado. Isso ocorreu em meio ao levante revolucionário de 1848 na Alemanha, quando Marx,

editando o **Neue Rheinische Zeitung** em Colônia, criticava a ridícula pusilanimidade e o palavreado vazio da Assembleia Nacional burguesa em Frankfurt, que tinha medo de tomar qualquer medida forte contra a Coroa e o regime absolutista.

Seus ministros, escreveu Marx, estavam reclamando sobre a manutenção do Princípio Constitucional enquanto a contrarrevolução absolutista se organizava. Mas o que estava acontecendo era uma revolução, que primeiro tinha de *estabelecer* o princípio constitucional. Era preciso lutar com energia agora para que houvesse um princípio constitucional no qual se apoiar.

Todo estabelecimento de estado provisório após uma revolução requer uma ditadura, e uma ditadura enérgica. Desde o início, censuramos Camphausen [o primeiro-ministro] por não ter agido de forma ditatorial, por não ter destruído e eliminado imediatamente os remanescentes das antigas instituições. Assim, enquanto Herr Camphausen se embalava em sonhos constitucionais, o partido derrotado fortaleceu suas posições na burocracia e no exército - na verdade, aqui e ali até se aventurou em uma luta aberta.

A "ditadura" ou "medidas ditatoriais" que Marx está pedindo, portanto, é a do corpo representativo eleito da democracia alemã sobre o antigo regime. Quais eram exatamente as "medidas ditatoriais" que ele defendia, e como seria a "ditadura" da democracia? Isso já está parcialmente indicado: "destruir e eliminar imediatamente os remanescentes das velhas instituições" por meio de (Marx prossegue dizendo) *medidas de saúde pública* enérgica e corajosamente executadas. Seu uso do termo da Revolução Francesa tem a intenção de sugerir a "ditadura da Comuna".

Mas, ainda assim, o que são exatamente essas "medidas ditatoriais"? Elas são explicadas várias vezes em **Revolução e Contrarrevolução na Alemanha em 1848**. Essa passagem pode representar tudo:

... se a Assembleia tivesse o mínimo de energia, teria dissolvido imediatamente e mandado para casa a Dieta - que não era um órgão corporativo mais impopular na Alemanha - e a teria

substituído por um Governo Federal, escolhido entre seus próprios membros. Ele teria se declarado a única expressão legal da vontade soberana do povo alemão e, assim, teria atribuído validade legal a cada um de seus decretos. Acima de tudo, ele teria garantido a si mesmo uma força organizada e armada no país, suficiente para acabar com qualquer oposição por parte dos governos.

Mas, em vez disso, a Assembleia de mulheres idosas não assumiu a causa e não reconheceu os levantes revolucionários que haviam eclodido, ou "convocou o povo a pegar em armas em todos os lugares em defesa da representação nacional", sempre. "eles se esquivaram da ação decisiva". Os antigos governos dos estados alemães "contavam com uma ação muito ditatorial e revolucionária de sua parte", mas, na verdade, a Assembleia lhes deu poucos motivos para se preocuparem.

Em suma, o primeiro apelo de Marx por uma "ditadura" revolucionária foi por um regime enérgico, o mais próximo de uma democracia representativa que a Alemanha tinha, literalmente uma "ditadura" da democracia.

[3]

Agora chegamos aos locais em que Marx e Engels usaram o termo "ditadura do proletariado". São onze no total (contando uma obra com mais de uma passagem como apenas uma). Eles se agrupam em três períodos: (1) 1850-52, ou seja, após a revolução de 1848; (2) 1872-75, ou seja, após a Comuna de Paris, e (3) 1890-91, sendo este último período, como veremos, uma espécie de eco de 1875.

Tanto no primeiro quanto no segundo período, e mais claramente no primeiro locus, Marx usou o termo particularmente *em conexão com* os blanquistas¹. Qual era exatamente a natureza dessa conexão? A atitude de Marx em relação a Blanqui e seu

¹ Dos 11 loci de Marx-Engels sobre a "ditadura do proletariado", o livro **Estado e Revolução**, de Lênin, apresentou os aqui numerados 5a, 6, 8, 11, acrescentando o nº 4 em sua segunda edição. A resposta de Kautsky fingiu que havia apenas um em Marx. Ernst Drahn, **Karl Marx und P. Engels ueber die Diktatur des Proletariats** (1920) conhece apenas os loci 4, 8, 10. Max Beer, em *An Inquiry into Dictatorship* (**Labour Monthly**, agosto de 1922), menciona apenas 1a, 1c, 4, 6, 8. A **Marxian Theory of the State** (1931), de Sherman H.M. Chang, cita 1a, 1c, 4, 5a, 6, 8 - exatamente a metade das passagens disponíveis, o máximo até hoje. O registro oposto é mantido por Stanley W. Moore, **The Critique of Capitalist Democracy; Introduction to the Theory of the State in Marx, Engels, and Lenin** (1957), que nunca revela que o termo pode ser encontrado em Marx ou Engels.

movimento permaneceu essencialmente a mesma desde 1844, quando Marx se tornou socialista, até o fim. Essa atitude combinava a completa rejeição do putsch blanquista, a ser feito por um grupo conspiratório, com grande admiração por Blanqui como um revolucionário dedicado e honesto; combinava grande respeito por Blanqui como militante socialista com nenhum respeito por suas ideias sobre como fazer uma revolução. Em períodos revolucionários, Marx buscava *uma ação* conjunta com os blanquistas e outras correntes revolucionárias - uma "frente unida" - apesar das discordâncias políticas. Esse contato com a frente unida ocorreu especialmente em 1850 e novamente após a Comuna de Paris. Em ambos os casos, foram "frentes unidas" ou ações conjuntas em Londres, entre Marx e Engels e os blanquistas *refugiados* dos combates na França.

Nesses contatos, Marx e Engels, rejeitando o conceito blanquista de ditadura, *contrapuseram a ele* sua própria formulação da "ditadura do proletariado".

Isso é o que Engels explicou em retrospecto quando, em 1874, estabeleceu explicitamente a diferença entre a ideia blanquista e a marxista:

A partir da suposição de Blanqui, de que qualquer revolução pode ser feita pela eclosão de uma pequena minoria revolucionária, segue-se por si só a necessidade de uma ditadura após o sucesso do empreendimento. Trata-se, é claro, de uma ditadura, não de toda a classe revolucionária, o proletariado, mas da pequena minoria que fez a revolução e que, por sua vez, foi previamente organizada sob a ditadura de um ou vários indivíduos. [Essa passagem é mencionada abaixo como Locus 7.]

Difícilmente se pode exigir uma linha de demarcação mais clara entre a ditadura blanquista da minoria revolucionária ativa e uma *ditadura* ou dominação *de classe*, o governo "de toda a classe revolucionária". Essa ênfase na ditadura *de classe* é o que encontramos no primeiro locus.

O primeiro uso de "ditadura do proletariado" está nos artigos de Marx, posteriormente reunidos sob o título **The Class Struggles in France 1848-1850**, em sua nova revista

londrina **Neue Rheinische Zeitung, Politisch-Ökonomische Revue**. O primeiro artigo (na primeira edição) foi escrito em janeiro e publicado no início de março.

Após a derrota do levante operário de junho de 1848, diz Marx, "surtiu o ousado slogan da luta revolucionária: *Derrubada da burguesia! Ditadura da classe trabalhadora!*" [Vamos chamar isso de Locus 1a.]

Há um problema aqui. Marx escreve que "o slogan ousado" apareceu: "Derrubada da burguesia!" Mas logo em seguida vem o slogan da "ditadura da classe trabalhadora". Será que Marx está querendo dizer que esse slogan "apareceu" também entre os trabalhadores revolucionários? Mas é bem certo que não. Sugiro que ele não esteja literalmente afirmando que essa palavra de ordem até então desconhecida "apareceu", mas sim explicando, em oposição, o que significa a "palavra de ordem ousada" da derrubada da burguesia - em primeiro lugar, o que significa para ele, Marx. Na realidade, ele mesmo está lançando o slogan, colocando palavras na aspiração incipiente da classe trabalhadora expressa na revolução.

No segundo artigo (escrito no início e publicado no final de março), Marx comenta que o proletariado "ainda não estava capacitado, por meio do desenvolvimento das demais classes, para assumir a ditadura revolucionária" e, portanto, "teve de se lançar nos braços" dos social-democratas. [Ele está aqui não apenas excluindo a ideia de estabelecer a "ditadura revolucionária" por um bando de conspiradores, mas também até mesmo pelo proletariado, desde que ele ainda não tenha o apoio de outras classes. Como em outras partes da mesma obra, e anteriormente no **Manifesto**, o "governo" ou a "ditadura do proletariado" está firmemente ligado à ideia de apoio da maioria.

O terceiro artigo (escrito de 5 a 15 de março e publicado em meados de abril) dizia:

O proletariado se reúne cada vez mais em torno do *socialismo revolucionário*, do *comunismo*, para o qual a própria burguesia inventou o nome de *Blanqui*. Esse socialismo é a *declaração da permanência da revolução*, a *ditadura de classe* do proletariado como o ponto de passagem necessário para a *abolição das distinções de classe em geral*, para a abolição de todas as relações de produção sobre as quais elas repousam, para a

abolição de todas as relações sociais que correspondem a essas relações de produção, para a revolução de todas as ideias que resultam dessas relações sociais. [Locus 1c.]

É irônico que essa, feita pelo próprio Marx, seja a única passagem contemporânea registrada que liga o nome de Blanqui à "ditadura do proletariado"! É *Marx* quem faz a ligação. É claro que ele não está dizendo que esse é o slogan de Blanqui: ele está dizendo que a burguesia anexou o nome de Blanqui a esse socialismo revolucionário, enfatizando o caráter *de classe* do regime revolucionário.

[4]

Podemos agora sugerir por que o termo "ditadura do proletariado" aparece *em conexão com* os blanquistas, mas não *pelos* blanquistas. Normalmente, a expressão de Marx para essa ideia era "governo do proletariado", "poder político da classe trabalhadora", etc., como no **Manifesto**. No entanto, quando se trata de contrapor esse conceito de classe à ditadura do tipo blanquista, ele é vestido com a fórmula "ditadura de classe". A ditadura de classe é então contraposta à ditadura blanquista.

Em frentes unidas com os blanquistas, somente essa fórmula de classe poderia ser aceitável para Marx. Essa frente unida foi formada no início de 1850, quando Marx ainda considerava iminente um novo levante revolucionário. Ele começou a desenvolver uma estrutura para a ação conjunta de grupos revolucionários de vários países, uma Internacional embrionária, por meio de representantes em Londres, incluindo os cartistas de esquerda em torno de Harney, a Liga Comunista dos emigrados alemães e os refugiados revolucionários franceses "que queriam se diferenciar dos democratas burgueses [e, portanto,] geralmente se chamavam blanquistas" (como Arthur Rosenberg coloca em **Democracy and Socialism**).

Em abril, foi formada a Société Universelle des Communistes Révolutionnaires com base em um breve *Acordo Programático* assinado por Marx, Engels e August Willich para a Liga Comunista, Harney e dois emigrantes blanquistas. As organizações constituintes mantiveram sua independência, mas se uniram em uma colaboração prática. O artigo 1º do acordo dizia o seguinte

O objetivo da associação é a queda de todas as classes privilegiadas, para submeter essas classes à ditadura dos proletários, mantendo a revolução em permanência até a conquista do comunismo, que deve ser a última forma organizacional da família humana. [Locus 2.]

Isso está escrito à mão por Willich, e talvez a formulação exata também seja dele.

Ao mesmo tempo em que esse acordo foi feito, Marx e Engels publicaram na **NRZ-Revue** uma crítica aberta às ilusões conspiratórias blanquistas que seus aliados franceses mantinham, caracterizando-os como "impedindo o processo de desenvolvimento revolucionário, empurrando-o artificialmente para crises, fazendo uma revolução no calor do momento sem as condições para uma revolução... Eles são os alquimistas da revolução", etc. Essa crítica educativa ao *blanquismo*, no exato momento em que eles haviam firmado um acordo de frente única com os *blanquistas*, foi um esforço deliberado de Marx e Engels para utilizar o novo relacionamento para "endireitar" seus aliados, para influenciar seus pontos de vista.

Embora seja duvidoso que o SUCR tenha realmente saído do papel, de qualquer forma ele morreu definitivamente depois de setembro, quando Marx concluiu que a onda revolucionária havia passado e que era necessária uma reorientação para um novo período.

Em Frankfurt, o **Neue Deutsche Zeitung** era co-editado por Joseph Weydemeyer e Otto Lüning (que também eram cunhados). Weydemeyer era apoiador e amigo pessoal de Marx desde 1845 e estava ansioso para divulgar os escritos de Marx: Lüning era um simpatizante dos chamados "Verdadeiros Socialistas". Em junho, o **NDZ** publicou uma longa resenha em quatro partes, resumindo a obra de Marx, escrita por Lüning. Além disso, em uma passagem crítica, Lüning destacou a ideia de Marx sobre "o governo revolucionário, a ditadura da classe trabalhadora". (palavras de Lüning). Ele concordava que uma ditadura transitória era necessária, mas "o governo de classe é sempre um estado de coisas imoral e irracional", e o objetivo deveria ser "não a transferência do governo de uma classe para a outra, mas a abolição das diferenças de classe".

Deve-se observar que ele não fez nenhuma objeção ao *Diktatur*; ele estava falando de qualquer *Klassenherrschaft*, qualquer regra de classe. Na edição de 4 de julho, Marx escreveu uma breve carta ao editor (*Erklärung*). [Locus 3.]

.... Você me acusou de defender *o domínio e a ditadura das classes trabalhadoras*, enquanto que, contra mim, você defende *a abolição das diferenças de classe em geral*. Não entendo essa correção. Você sabia muito bem que o **Manifesto Comunista** ... diz: [Aqui Marx cita a mesma passagem a que nos referimos na seção 3] Você sabe que eu defendi o mesmo ponto de vista na **Pobreza da Filosofia** contra Proudhon ... [Finalmente, o mesmo artigo que você critica... diz: [Aqui Marx cita nosso Locus 1c.]

Uma das características interessantes dessa comunicação é que Marx (como o próprio Lünig) não está ciente de nenhum ponto especial a ser explicado ou defendido no uso do *Diktatur*. Isso não parece ser um problema. A passagem em **Lutas de Classe**, com sua "ditadura do proletariado", é assimilada em sua própria mente com suas formulações no **Manifesto Comunista** e em outros lugares, confirmando a visão frequentemente expressa de que o termo "ditadura do proletariado" deve ser equiparado à formulação do **Manifesto** "governo do proletariado".

O fato de essa troca com Lünig não estar centrada na "ditadura", mas na ideia básica do governo da classe trabalhadora, emerge claramente da nota de Lünig sobre a resposta de Marx. Ele concorda que a correção de Marx é "bem fundamentada". Mas ele ainda se queixa de que:

O próprio Herr Marx, mas ainda mais seus apoiadores, enfatizavam constantemente o *domínio* da classe, cuja *abolição* eles deixavam transparecer apenas relutantemente como uma concessão posterior. Em contraste, eu queria colocar a abolição em primeiro plano, como a meta e o objetivo do movimento.

No que diz respeito às passagens de Marx, mais particularmente àquela que Lünig pegou, é fácil descartar sua reclamação, mas o mais interessante é seu golpe lateral contra os "apoiadores" de Marx que enfatizam demais a "regra". É verdade que o

socialismo pequeno-burguês de Lüning era naturalmente desconfortável com qualquer ideia de governo da classe trabalhadora, seja em primeiro ou segundo plano, mas ainda assim é interessante ver em suas palavras uma referência a um dos "apoiaadores" de Marx, que era seu próprio coeditor e cunhado e com quem ele, sem dúvida, discutiu muitas vezes - a saber, Weydemeyer.

Weydemeyer agora se torna o elo com o próximo locus, que é um dos dois mais citados: A carta de Marx a Weydemeyer de 5 de março de 1852. Essa é a única vez em que o termo aparece na correspondência particular de Marx. Por que ele aparece nesse momento? Há um episódio a ser esclarecido.

Depois de fugir da Alemanha e finalmente decidir emigrar para a América, Weydemeyer chegou a Nova York em 7 de novembro de 1851. O primeiro artigo seu publicado nos EUA (escrito em dezembro) apareceu na edição de 1º de janeiro de 1852 do New York **Turn-Zeitung**.

Seu título era *The Dictatorship of the Proletariat (A Ditadura do Proletariado)*.

Esse é provavelmente o único artigo com esse título até pelo menos 1918. Isso é ainda mais interessante porque o artigo não é realmente sobre a ditadura do proletariado em sua maior parte. A maior parte dele é uma condensação de boa parte do **Manifesto Comunista**. Há uma referência à *die Diktatur des in den grossen Städten konzentrierten Proletariats*, apenas no último parágrafo.

Para fins atuais, o aspecto mais importante do artigo de Weydemeyer é simplesmente sua existência. Há indícios de que, quando Marx escreveu sua famosa carta de 5 de março a Weydemeyer, ele havia recebido recentemente o artigo do próprio Weydemeyer sobre *A Ditadura do Proletariado*.

Além disso, essa carta é dedicada a dar a seu amigo sugestões de material para artigos subsequentes, durante os quais ele aconselha o tratamento de certos oponentes americanos. A referência à "ditadura do proletariado" aparece aqui. O próximo parágrafo diz: "Das notas anteriores, pegue o que você considerar adequado". Em outras palavras, Marx estava fazendo anotações para serem usadas por Weydemeyer em seus próprios artigos.

O que Marx escreveu foi que ele não reivindicou o crédito pela descoberta das classes ou das lutas de classes:

O que eu fiz de novo foi provar: 1) que a *existência de classes* está vinculada apenas a *fases históricas específicas no desenvolvimento da produção*, 2) que a luta de classes leva necessariamente à *ditadura do proletariado*, 3) que essa ditadura em si constitui apenas a transição para a *abolição de todas as classes* e para uma *sociedade sem classes* [Locus 4]

Ao usar "ditadura do proletariado" aqui, em vez de seu habitual "governo do proletariado", etc., Marx estava ecoando Weydemeyer, que também estava ecoando Marx em 1850. Marx estava usando uma frase que tinha conotações e associações especiais para seu correspondente. Seu uso em uma carta particular, de passagem, dependia de uma certa quantidade de antecedentes "compreendidos". Nesse sentido, Weydemeyer não era apenas o destinatário da famosa carta, mas seu criador.

[5]

Nos 20 anos seguintes, nenhum sinal do termo aparece em qualquer escrito, público ou privado, de Marx ou Engels. (Ou de qualquer outra pessoa, inclusive dos blanquistas).

Durante essas décadas, houve pouco contato entre Marx e os blanquistas; não é por acaso que durante essas mesmas duas décadas o termo "ditadura do proletariado" não aparece. Os blanquistas falavam como de costume sobre a ditadura revolucionária de seu grupo ou de "Paris", e os marxistas falavam como de costume sobre o "governo do proletariado" ou "poder político da classe trabalhadora". O que vimos é que o termo "ditadura do proletariado", conforme usado por Marx, é a reformulação do último quando contraposto ao primeiro.

Quando Marx escreveu sua grande defesa e análise da Comuna de Paris, **A Guerra Civil na França**, ele ainda não tinha contato com os blanquistas. O termo "ditadura do proletariado" não aparece nessa obra. Há três características importantes para o restante de nossa história:

1. Marx apresenta a Comuna como "um governo da classe trabalhadora (...) a forma política finalmente descoberta sob a qual se pode realizar a emancipação econômica do trabalho". Essa e outras formulações são tão abrangentes que um governo assim descrito deve ser, para Marx, o que ele chamou em outro lugar de "ditadura do proletariado".

2. O que determinou o caráter da Comuna, para Marx, foi a *hegemonia do proletariado* na revolução, ou seja, o fato de que todos os outros elementos de classe na revolução o consideravam a vanguarda e o líder.

3. Ao mesmo tempo, longas seções de **The Civil War in France** são dedicadas a pintar em cores brilhantes o caráter *democrático* completo da Comuna; sufrágio universal, todos os funcionários e juízes eleitos e revogáveis, abolição do exército permanente, fim de toda "investidura hierárquica", despolitização da polícia, democracia comunal de baixo para cima substituindo o estado centralizado destruído, etc. Tudo isso Marx resumiu dizendo que a Comuna "forneceu à República a base de instituições realmente democráticas (...) suas medidas especiais só podiam indicar a tendência de um governo do povo pelo povo". (Em contraste, os blanquistas consideravam as medidas democráticas da Comuna como uma fraqueza e um erro. O contraste entre essas duas análises diametralmente opostas da democracia da Comuna estava *contido* nas duas formulações diferentes sobre a "ditadura").

Com a derrota da Comuna, o fluxo de comunistas para Londres incluiu muitos blanquistas e seus líderes. Ali, pela primeira vez, muitos deles entraram em contato

prolongado com Marx, seu círculo e o Conselho Geral da Internacional. Houve um impacto considerável sobre eles por vários motivos: o papel da **Guerra Civil na França** de Marx como defensor da Comuna aos olhos do mundo oficial escandalizado; o trabalho maciço de Marx de ajuda aos refugiados: a inclusão de vários blanquistas, especialmente Vaillant, no Conselho Geral, trabalhando com Marx; a luta conjunta dos blanquistas com Marx contra a facção de Bakunin; a amizade com os dois genros franceses de Marx, Longuet e Lafargue.

Por essas razões, e talvez também porque a experiência da Comuna reforçou a mesma direção, as ideias dos blanquistas londrinos passaram por um certo grau de "marxificação". Suas formulações políticas foram amplamente afetadas, se não seu putschismo essencial. Isso foi demonstrado especialmente em duas declarações programáticas que eles emitiram, em 1872 e em 1874, ambas contendo referências à "ditadura do proletariado".

Tanto em público quanto em particular, Engels declarou mais de uma vez durante o período, de forma bastante exultante, que o novo programa blanquista havia se revestido de ideias marxistas. Uma vez foi em seu **The Housing Question [A questão da moradia]** (1872):

... quando os chamados blanquistas fizeram uma tentativa de se transformar de meros revolucionários políticos em uma facção socialista de trabalhadores com um programa definido - como foi feito pelos fugitivos blanquistas em Londres em seu manifesto *Internationale et Révolution* [1872] - eles ... adotaram, quase literalmente, os pontos de vista do socialismo científico alemão sobre a necessidade da ação política do proletariado e de sua ditadura como transição para a abolição das classes e, com elas, do Estado - pontos de vista que já haviam sido expressos no **Manifesto Comunista** e, desde então, em inúmeras ocasiões."

[Locus 5a]

Aqui temos Engels afirmando categoricamente e publicamente que quando os blanquistas (em Londres, pelo menos) *usaram* a "ditadura do proletariado" pela primeira vez em 1872, eles a tomaram de Marx, e não o contrário, como acreditava

Postgate. Mais duas vezes nesse período, Engels descreveu a "marxificação" do programa blanquista londrino. Além disso, a passagem sobre a "ditadura do proletariado" no programa *Internationale et Révolution de 1872* dos blanquistas praticamente diz por si só que essa é uma nova visão para eles "axiomática desde o 18 de março", ou seja, desde a Comuna de Paris.

Quanto a Marx e Engels: o primeiro uso do termo "ditadura do proletariado" nesse período foi feito por Engels em seu livro **The Housing Question** (1872), originalmente três artigos de jornal. O termo ocorre duas vezes; já apresentamos o Locus 5a. Na segunda passagem, Engels polemiza contra um proudhonista da seguinte forma:

Portanto, o amigo Mülberger faz as seguintes observações: 1. "Nós" não seguimos nenhuma "política de classe" e não lutamos pela "dominação de classe". Mas o Partido Social-Democrata Alemão dos Trabalhadores, pelo simples *fato de* ser um *partido de trabalhadores*, necessariamente segue uma "política de classe", a política da classe trabalhadora. Como cada partido político se propõe a estabelecer *seu* domínio no estado, o Partido Social-Democrata dos Trabalhadores Alemães está necessariamente se esforçando para estabelecer seu domínio, o domínio da classe trabalhadora, portanto, a "dominação de classe". Além disso, *todo* verdadeiro partido proletário, desde os cartistas ingleses em diante, apresentou uma política de classe, a organização do proletariado como um partido político independente, como a condição primária de sua luta, e a ditadura do proletariado como o objetivo imediato da luta. Ao declarar que isso é "absurdo", Mülberger se coloca fora do movimento proletário e dentro do campo do socialismo pequeno-burguês. [Locus 5b.]

O que se destaca é a suposição óbvia de Engels de que a "ditadura do proletariado" não tem nenhum significado *especial* além da tomada do poder no Estado pelo movimento socialista dos trabalhadores. Ela aparece aqui como um dos três ou quatro termos usados indiscriminadamente: "dominação de classe", "governo da classe trabalhadora", etc. Também nos dizem que *todos os* verdadeiros partidos proletários defendem isso,

inclusive os cartistas - uma declaração que não faz sentido para quem acredita que exista alguma "teoria da ditadura proletária" especial, além da ideia básica da necessidade e do objetivo do poder político da classe trabalhadora.

O fato de que o termo também estava na mente de Marx agora foi evidenciado no ano seguinte, em um lugar fora do comum: um artigo escrito em janeiro de 1873, para uma revista italiana, dirigido contra o proudhonismo e o anarquismo (título: *L'Indifferenza in Materia Politica*). Desde que a passagem desse artigo foi citada em **Estado e Revolução**, de Lênin, ela tem sido frequentemente mencionada, mas sem explicação de seu contexto peculiar. Pois a passagem não é exatamente estabelecida por Marx em seu próprio nome.

O artigo começa abruptamente com uma longa seção toda entre aspas, que pretende representar o que um Proudhonista antipolítico diria se expusesse suas opiniões sem rodeios. O tom é satírico:

"Se a luta política da classe trabalhadora assume formas violentas, se os trabalhadores substituem sua ditadura revolucionária pela ditadura da classe burguesa, eles cometem o terrível crime de violação de princípio [*leso-principio*]; porque, para satisfazer suas necessidades cotidianas miseráveis e profanas, para esmagar a resistência da classe burguesa, em vez de depor as armas e abolir o Estado, eles lhe dão uma forma revolucionária e transitória ..." [Locus 6]

Marx, é claro, insinua que ele mesmo propõe que "os trabalhadores substituam a ditadura da classe burguesa por sua ditadura revolucionária", mas tudo isso é dito de passagem. Temos, de fato, a contraposição direta de duas ditaduras *de classe*, uma como alternativa à outra, enfatizando assim a base social do poder em vez das formas políticas do regime.

O próximo uso do termo foi feito por Engels em 1874, e já o citamos na seção 3 acima [Locus 7]. Ele apareceu no artigo de Engels sobre *O programa dos fugitivos blanquistas da Comuna de Paris* no **Volksstaat**.

Esse período de tensão com o blanquismo, sem dúvida, explica o fato de que o termo, estando por aí, é usado em um importante documento escrito por Marx no ano seguinte - sua *Crítica ao Programa de Gotha*, atacando as formulações lassalleanas no programa de unidade proposto para a fusão dos dois partidos socialistas alemães existentes. Esse documento era uma espécie de circular dirigida aos líderes "Eisenacher".

Essa passagem sobre a "ditadura do proletariado" é um dos dois locais mais citados entre os dez, mas é um dos mais simples. Seu contexto é um ataque ao agora bem conhecido fetichismo do Estado de Lassalle; Marx está argumentando que "a liberdade consiste em converter o Estado de um órgão acima da sociedade em um órgão completamente subordinado a ela". Ele levanta a questão do desaparecimento do Estado na sociedade futura e acrescenta:

Entre a sociedade capitalista e a comunista está o período da transformação revolucionária de uma na outra. A isso corresponde também um período de transição política no qual o Estado não pode ser nada além *da ditadura revolucionária do proletariado*. [Locus 8].

Isso é tudo, mas uma passagem na página seguinte é muito relevante: Marx afirma que o Estado será uma ditadura do proletariado. Agora temos um lembrete muito claro de que, quando ele diz "estado", não está se referindo à "máquina do governo". Dizer que o *estado* é um governo ou uma ditadura do proletariado é uma *descrição social*, uma declaração do caráter de classe do poder político. Não se trata de uma declaração sobre as formas da máquina governamental.

O último aspecto a ser observado é que Marx não propõe que o programa do partido exija a "ditadura do proletariado". A demanda que falta e que ele pressiona é a da *república democrática*, embora ele concorde relutantemente que a repressão do governo exclui sua inclusão aberta. (Marx também não incluiu "ditadura do proletariado" como termo quando o programa do partido marxista francês foi redigido em seu escritório em Londres, em 1880).

Agora, segue-se outro hiato de 15 anos - nenhuma menção à "ditadura do proletariado" em qualquer escrito de Marx ou Engels, público ou privado.

A próxima vez que a encontramos é em uma carta de Engels a Conrad Schmidt, em 27 de outubro de 1890, explicando que o materialismo histórico não diz que apenas os fatores econômicos operam na história:

Se, portanto, Barth supõe que negamos toda e qualquer reação dos reflexos políticos, etc., do movimento econômico sobre o próprio movimento, ele está simplesmente jogando contra moinhos de vento. Ele só precisa dar uma olhada no **18º Brumário** de Marx... Ou **Capital** ... Ou por que lutamos pela ditadura política do proletariado se o poder político é economicamente impotente? A força (isto é, o poder estatal) também é um poder econômico! [Locus 9.]

Aqui, a "ditadura do proletariado" é usada com a maior naturalidade como um mero sinônimo da conquista do poder político.

Por que o termo voltou a ser usado por Engels agora, depois de um intervalo de 15 anos? Talvez porque ele já estivesse analisando a *Crítica do Programa de Gotha*, de Marx, em antecipação à próxima discussão do programa do partido em Erfurt. Não muito tempo depois, Engels começou a publicar a crítica de Marx de 1875 pela primeira vez, com resultados que levaram aos nossos próximos dois (e últimos) loci.

Engels sabia que sua publicação seria "uma bomba" por causa de seu ataque a Lassalle, cuja lenda havia crescido. O alvo também eram as tendências oportunistas em rápido desenvolvimento no partido. Em ambos os casos, houve de fato uma reação violenta. Uma das coisas que foram atacadas foi o fato de que o documento recém-publicado usava o termo "ditadura revolucionária do proletariado". No próprio Reichstag, o deputado social-democrata Karl Grillenberger se levantou para repudiar Marx e dizer em nome do partido que

o partido social-democrata rejeitou a sugestão que Marx havia feito para seu programa. Marx ficou irritado com o fato de que o Partido Social-Democrata Alemão elaborou seu programa da

forma que julgou mais adequada, tendo em vista as condições na Alemanha, e que, portanto, para nós, qualquer ditadura revolucionária do proletariado está fora de questão.

O verniz de "marxismo" que cobria as camadas superiores do partido havia se rompido. É duvidoso se o bom deputado do Reichstag tremeu mais com a palavra "ditadura" ou com a palavra anterior a ela.

Dezoito dias depois, Engels terminou sua introdução a uma nova edição de **A Guerra Civil na França**, de Marx, com as últimas palavras sendo "a ditadura do proletariado". Essa linha de pensamento parte de outro ataque (semelhante ao Locus 7) ao conceito blanquista de "ditadura mais rigorosa e centralização de todo o poder nas mãos do novo governo revolucionário". Em contraste, Engels apresenta a Comuna de Paris, analisando (como fez Marx) sua grande expansão da democracia e do controle de baixo para cima. Segue-se uma crítica à "crença supersticiosa no Estado", típica da Alemanha, e à necessidade de "jogar toda a madeira do Estado na sucata". Depois, o último parágrafo:

Ultimamente, o filisteu social-democrata tem se enchido mais uma vez de um terror saudável com as palavras: Ditadura do proletariado. Muito bem, senhores, querem saber como é essa ditadura? Vejam a Comuna de Paris. Essa foi a ditadura do proletariado. [Locus 10.]

Três meses depois, ele tinha outra "bomba" pronta para os "filisteus socialdemocratas": uma crítica ao novo projeto de programa (Programa de Erfurt). Nesse documento, como escreveu a Kautsky, ele "encontrou uma oportunidade para atacar o oportunismo conciliatório do **Vorwärts** [órgão do partido] e o 'crescimento' *frisch-fromm-frölich-freie* da velha bagunça imunda 'na sociedade socialista'".

Aqui, Engels levanta de forma muito incisiva a questão da demanda pela república democrática, que havia sido omitida do programa. No decorrer do texto, ele comenta:

Uma coisa que é absolutamente certa é que nosso partido e a classe trabalhadora não podem alcançar o poder, exceto sob a forma de uma república democrática. Essa última é até mesmo a

forma específica da ditadura do proletariado, como a Grande Revolução Francesa já demonstrou. [Locus 11.]

É verdade, ele concorda, que o programa não pode se manifestar abertamente a favor da república democrática com tantas palavras, mas é preciso encontrar maneiras de dizer isso:

... o que, em minha opinião, pode e deve ser incluído no programa é a demanda pela *concentração de todo o poder político nas mãos da representação do povo*. E isso seria suficiente nesse meio tempo, se não for possível ir mais longe.

Assim, a "concentração de todo o poder nas mãos da representação do povo" representa a proibida "república democrática", e esta, por sua vez, é "a forma específica da ditadura do proletariado". O defensor dessa ditadura revolucionária que perturbou os "filisteus social-democratas" está argumentando com eles que deveriam sugerir seu objetivo de uma república democrática em vez de se adaptarem à legalidade do regime do kaiser.

Com esse episódio de 1891, prefigurando o futuro, chega ao fim a história do termo "ditadura do proletariado" no que diz respeito a Marx e Engels. Mas, é claro, como sabemos, esse é apenas o primeiro capítulo da história dessa frase².

² Esta é uma versão muito condensada de um estudo que será publicado em breve (por volta de setembro) no nº 6 da **Études de Marxologie** (Paris), editado por M. Rubel, e que apresentará notas de referência completas, consideravelmente mais detalhes e algumas seções adicionais. A edição de primavera da **Labor History** (III, 2) contém uma tradução do artigo de Weydemeyer sobre *Dictatorship of the Proletariat*, mencionado aqui, e minha introdução a ele. - H.D.